

14. A familiaridade com Cristo nos torna livres

Quando São Bento pede a seus monges para “nada preferir ao amor de Cristo” (RB 4,21), o que deseja, senão educar para uma vida cristã em que tudo favoreça e exprima o empenho em cultivar uma relação de familiaridade com o Senhor, com este Senhor que está sentado à direita do Pai? São Bento conseguiu criar um ambiente de vida monástica no qual tudo o que a vida comporta, de grande ou pequeno, de forte ou frágil, esteja concentrado no viver preferindo o amor de Jesus Cristo. Todo o caminho que propõe é para aprender a familiarizar-se com Deus, passando do temor servil ao amor filial. Escreve ao final do Capítulo 7 sobre os degraus da humildade: «Quando, pois, o monge tiver subido todos estes degraus da humildade, atingirá imediatamente aquele amor de Deus que “quando é perfeito, expulsa todo temor” (1Jo 4,18); por meio dele tudo que observava antes não sem medo, começará a realizar sem nenhum esforço, como que naturalmente, pelo costume, não mais pelo temor do inferno, mas por amor de Cristo, pelo próprio costume bom e pela deleitação das virtudes.» (RB 7,67-69)

Compreende-se que, para Bento, a familiaridade com Cristo não é só o cume do caminho do temor ao amor, mas o que permite o caminho e acompanha no caminho, esta conversão do coração. Vivendo esta familiaridade com Deus, tornamo-nos seus familiares, amigos e, então, é como se o temor desaparecesse do espírito, como as nuvens quando aparece o sol.

Um problema que percebo sempre mais na vivência do caminho proposto por São Bento, e pela Igreja em geral, é o fato de que o homem de hoje, frequentemente, mesmo aquele que entra no mosteiro ou vive outras formas de consagração, crê não existir mais o temor de Deus, nem haver mais medo de perder a Deus ou ofendê-lo. E, então, crê-se ser-lhe bastante familiar e se crê ser desnecessário trabalhar para adquirir a familiaridade com Ele. Na realidade, o homem hodierno está cheio de medo. Tem medo de tudo e de todos, e tem necessidade de assegurar-se, por mil modos, de que não haverá eventualmente a possibilidade de perder a segurança, a paz, a serenidade, e a realização de si mesmo que crê possuir ou obter com suas próprias forças. Sente-se assim seguro com o que tem e com o que faz, e faz tudo para por esta segurança ao abrigo de todo ataque, cultivando o mais possível as próprias habilidades reais ou presumidas e construindo proteções “invencíveis” ao redor do que possui. Mas como esta segurança mostra-se de fato sempre insuficiente para dar-lhe segurança, a busca de segurança torna-se como uma droga aditiva que quanto mais se consome mais cria necessidade dela.

Na realidade, perdendo a referência a Deus como o único que pode garantir nossa vida, como o que garante e salva nossa vida, mesmo depois da morte e perda de tudo, perdendo a experiência da graça de Deus que vale mais do que a vida (cf. Sl 64,2), da providência do Pai que nos protege mais do que todas as nossas seguranças e é mais forte do que tudo que podemos ter ou fazer, perdendo tudo isso, de fato, só resta ao homem o medo.

O temor de Deus de que falam a Bíblia e a Igreja, não significa ter medo Dele, mas é a consciência de que, sem Ele, estamos perdidos, abandonados a nós mesmos, não temos mais nenhuma verdadeira segurança. Por isso, o temor de Deus, na verdade, é o antídoto contra todo medo, contra todos os nossos medos. E se o entendemos assim, compreendemos que o temor de Deus, a consciência de nossa dependência ontológica Dele, impele-nos a buscar a familiaridade com Ele. O temor de Deus é a consciência de que, se me falta a familiaridade com Deus, se me falta a amizade filial com Ele, a minha vida fica abandonada a si mesma, e às falsas seguranças que construímos para nós e a tornam escravizada.

Tudo na metodologia que São Bento propõe aos monges que vivem segundo sua Regra é então uma educação para experimentar como o viver como familiares do Senhor liberta sempre mais a vida, dilatando o coração no amor. E uma vida livre não é uma vida libertada do que é difícil e árduo, mas uma vida em que o que é difícil e árduo tornam-se também uma oportunidade para viver em plenitude. É exatamente o que propõe Jesus: “Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos e vos darei repouso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis repouso para vossas vidas.” (Mt 11,28-29)

O jugo não é para fugir da dificuldade, mas nos ajuda a enfrentá-la junto com Cristo, para enfrentá-la como Ele a enfrenta. O jugo de Cristo – e podemos dizer também a Cruz de Cristo – é para nós a possibilidade e a graça de poder enfrentar tudo, até a morte, junto com Ele, e, portanto, como Ele. E esta é uma vitória, porque a Cruz de Cristo venceu a morte e o pecado, venceu tudo o mal e toda dificuldade da humanidade.

Isto me faz pensar no Cireneu, que é obrigado a levar a Cruz de Jesus. De imediato, podemos imaginar como isto lhe deve ter desagradado. Não há nada pior que constranger alguém a levar a cruz de um condenado à morte. “Que tenho com isso? Acaso cometi os seus delitos? Por que devo assumir a sua pena? Não é justo, é um abuso!”

Simão de Cirene não pode rebelar-se contra os soldados romanos e tomou a cruz em silêncio, mesmo se seu coração revolveia de raiva e provavelmente de rancor também contra Jesus. Deve ter temido ainda que as pessoas que passavam pensassem que fosse ele o condenado, o malfeitor que levavam para ser crucificado. Achou-se, portanto, vivendo na mesma situação de Jesus, ao centro de uma hostilidade geral. Certamente observava Jesus, como avançava para a morte, como reagia aos tormentos da multidão e dos soldados, como sofria, com o corpo já ensanguentado pela flagelação e pela coroa de espinhos. Talvez tenha assistido ao encontro de Jesus com sua mãe. Nada sabemos do que o Cireneu experimentou, do que significou aquele percurso levando a cruz de Cristo junto com Ele. Mas o Evangelho nos faz compreender que algo ocorreu com ele. Por quê? Antes de tudo porque conhecemos seu nome e de onde vinha, Simão de Cirene, e que voltava do campo. Por certo os romanos não lhe pediram o passaporte antes de colocar sobre seus ombros a cruz de Jesus. Viram alguém, um camponês, musculoso, pobre e

basta. Terminado seu serviço, desapareceu para os romanos e não pensaram mais nele. Certamente não lhe pagaram por este serviço. Mas seu nome, sua ocupação, sua cidade de origem e, mais ainda, o nome de seus dois filhos, tudo isso os primeiros cristãos souberam. Escreve Marcos: “Obrigaram um homem a levar sua cruz, um certo Simão de Cirene, que vinha do campo, pai de Alexandre e Rufo.” (Mc 15,21)

O que quer dizer tudo isso? Que caminhando com Jesus, levando sua cruz, olhando para Jesus e fazendo a experiência de ser visto por Ele, Simão fez um percurso de familiarização com Cristo, tornou-se familiar a Jesus, ao ponto de tornar-se familiar, com sua família, à Igreja. Marco diz “pai de Alexandre e Rufo”, como se todos soubessem quem eram estes dois. Na comunidade primitiva estes dois homens eram conhecidos, eram irmãos dos discípulos de Cristo.

A experiência do Cireneu foi certamente a descoberta de uma familiaridade com Cristo gerada pela consciência de que Seu sofrimento dizia respeito a sua vida, a seu destino; que não lhe era indiferente como pensava instintivamente. Sobre aquela cruz, Jesus seria logo pregado e morreria sofrendo atrozmente também por ele, Simão. Penso frequentemente nisso quando rezo por pessoas doentes e que estão sofrendo, ou me encontro fazendo algo para ajudá-las. Ficam agradecidas como se as ajudássemos a levar um peso que deveriam levar sozinhas. Mas ao contrário, compreendo que, na verdade, nós lhes ajudamos a levar a cruz que eles levam por nós, por todos nós. No mistério da Cruz, Cristo levou todos os sofrimentos do mundo para dar a todo sofrimento um valor de redenção para todos. Somos convidados a ver Cristo no irmão que sofre, que é doente, que é prisioneiro, que é nu, que tem fome ou não tem casa ou pátria, não é apenas o Cristo que sofre que devemos reconhecer nele, mas o Cristo que, sofrendo, redimiu e salvou o mundo.